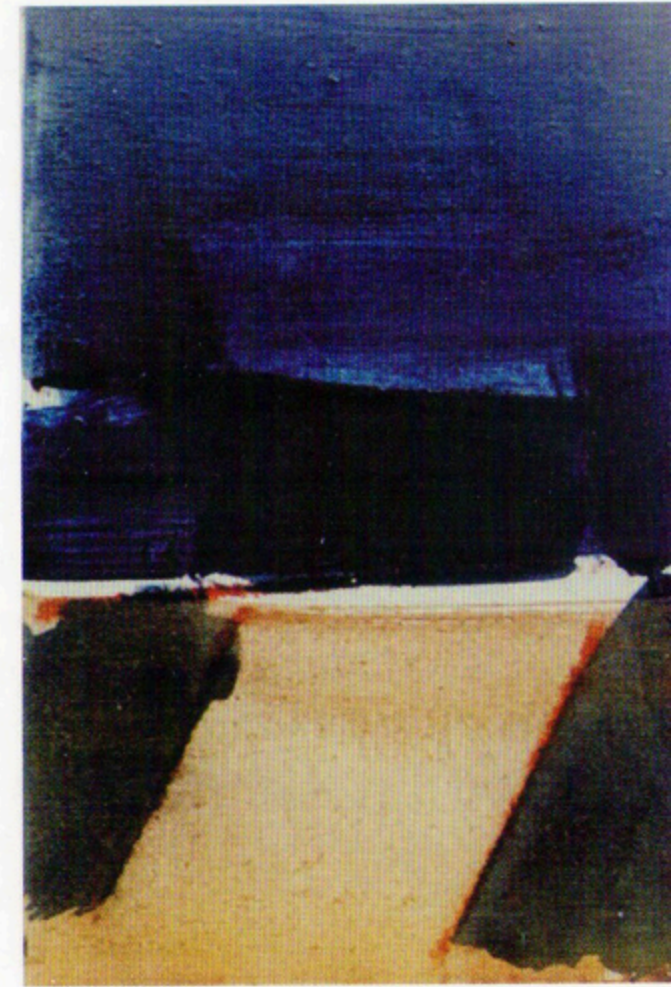
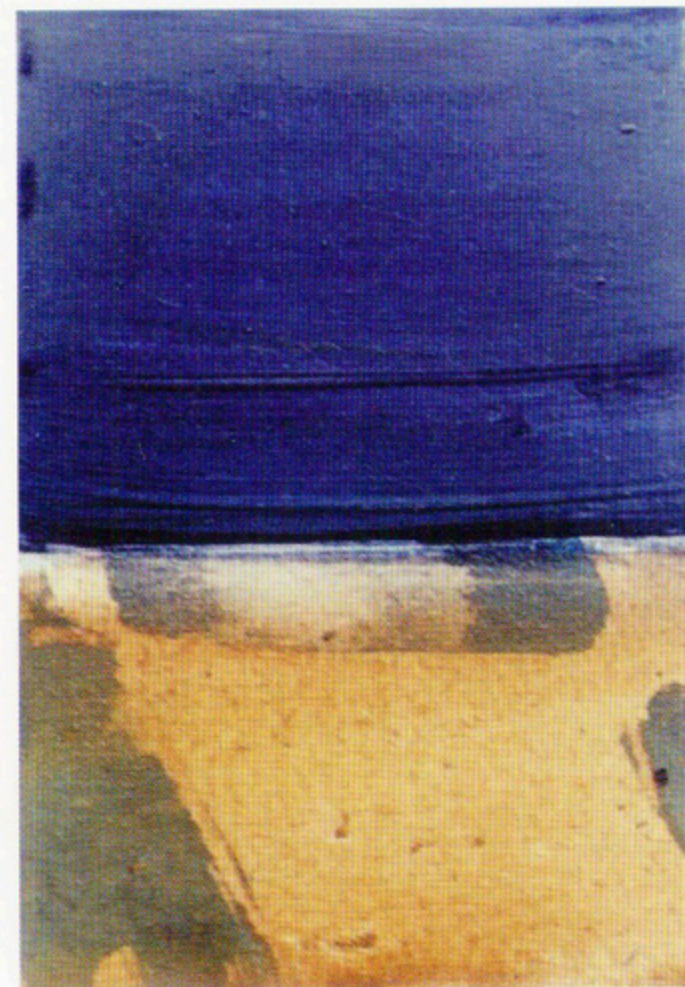


eurico lopes a pintura e seus limites
ricardo bezerra as bordas da pintura

As pesquisas de Ricardo Bezerra e Eurico Lopes, embora por caminhos diversos, tratam das bordas e dos limites da pintura. Cada artista indaga ao seu modo o contorno espacial do suporte, evitando opor a unidade de cada obra com a multiplicidade de dípticos, trípticos ou séries.

As têmperas de Ricardo Bezerra sobre *voil*, ao incorporar o chassi como tema da composição, joga com as transparências e provoca ilusões. *Lusco-fusco* se aproveita da transição da luz para dissimular linhas e brincar com suas interrupções. Já *Natureza-morta deslocada* busca mimetizar e mover a estrutura do quadro para fora dele. Em *A bolinha azul* a referência a Mondrian, especialmente à faixa preta que se projeta para o exterior da tela e ao formato quase hexagonal, soma-se a vontade de Bezerra em recuperar a figuração sem se desfazer da fragmentação

do espaço pictórico. Essa pintura a óleo traz para a superfície algo do universo infantil anunciado pelo título. Não é demais lembrar que seu ateliê fica dentro de uma oficina de bonecos – que abriga uma coleção de brinquedos e bicicletas – e que, além disso, Bezerra tem experiência de ensino de arte para crianças. Isso não quer dizer que sua prática seja infantil ou ingênua, ao contrário, sem abrir mão da observação do seu entorno, ele se embrenha na tradição e pontua referências que lhe interessam na história da arte. Pensar as bordas é também indagar sobre a relação entre o interior e o exterior da pintura. O díptico com dois semi-círculos nas laterais, por exemplo, exige do espectador um olhar ativo, que completa a figura para além do quadro. Extrapolando o suporte, mas sem nunca negá-lo, o resultado é uma diversidade de pinturas dentro de uma só.



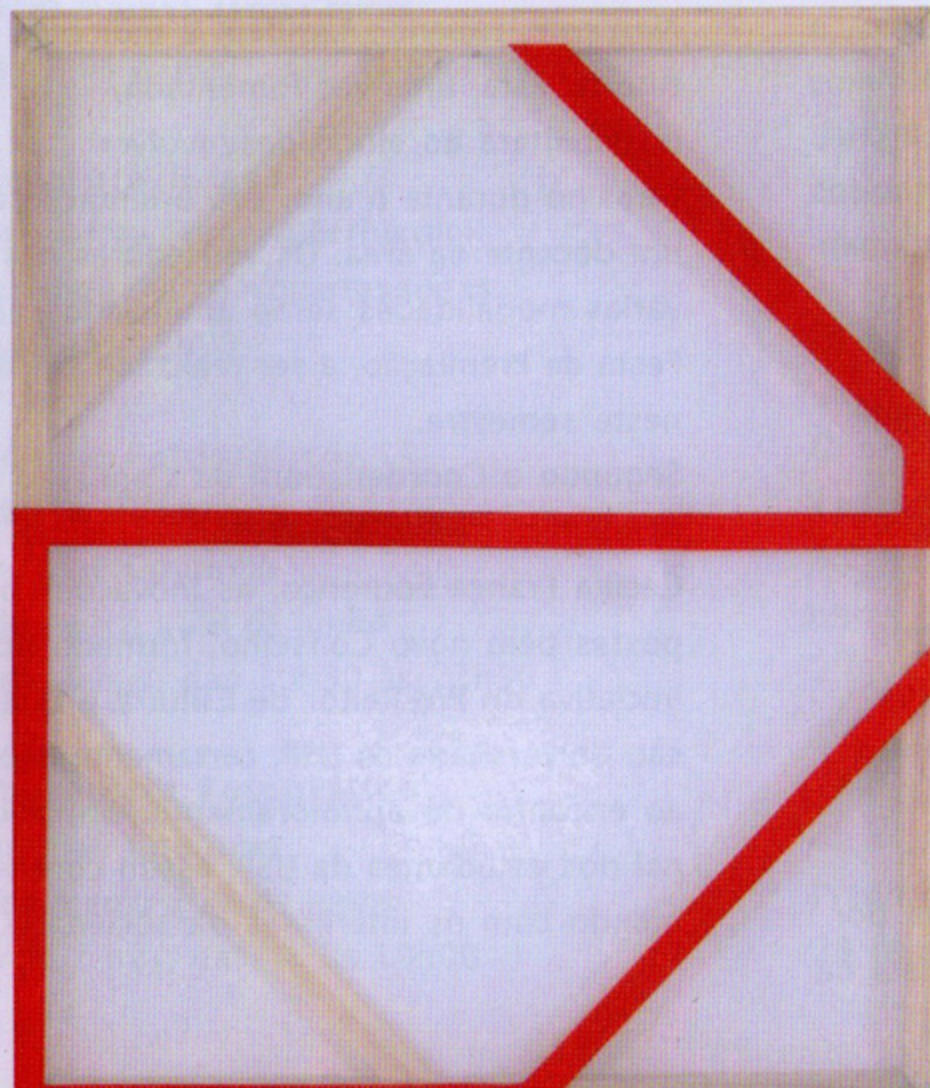
eurico lopes
conjunto sem-título, 2004
fragmento
óleo sobre tela
20 x 30 cm cada

A questão da unidade e multiplicidade, cara ao pensamento ocidental, reaparece tanto nos pequenos quanto nos maiores formatos de Eurico Lopes. Ora várias telas pedem para ser apenas uma, e por isso são emendadas como num mosaico inacabado e sem padrão, ora elas se desencadeiam em séries. Se as junções entre duas telas formam uma fenda, um limite físico, nem por isso deixa de haver continuidade entre uma e outra. A cor e a pincelada superam esse limite e, apesar da breve interrupção na luz, ordenam a composição.

Já na série de pequenos formatos, com pinturas mais espaçadas entre si, a dimensão temporal se evidencia. Um trabalho é continuação do outro sem que haja necessariamente uma linha progressiva. Cada um parece ser o desdobramento de todos os anteriores e posteriores, como se não houvesse a primeira e a última pintura da série. Os brilhos, as texturas e transparências adquirem duração porque se diferenciam de si mesmos e de uma tela para a outra, mas sem mudar de natureza ou de qualidade. Repetir seu modo de pintar, mais do que afirmar uma conquista de um estilo é permitir que o inusitado seja encontrado

no fazer. É no intervalo entre a figura e o fundo, entre a linha e a cor, entre uma pintura e outra ou entre o gesto e a expressão que surge o pensamento primordial, o ainda não dito, não expresso e não pintado, inaugurando um novo modo de dizer, de expressar e de pintar.

Cauê Alves



**ricardo bezerra
lusco-fusco, 2005**
têmpera sobre voil